



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12278 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

DIÁLOGOS DECOLONIAIS ENTRE PARES LATINO-AMERICANOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Danusa Tederiche Borges de Faria - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

Roberta Dias de Sousa - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

DIÁLOGOS DECOLONIAIS ENTRE PARES LATINO-AMERICANOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O presente trabalho apresenta uma pesquisa realizada a partir da experiência de professoras que participam de redes e coletivos docentes latino-americanos, Tendo como objetivo investir no movimento de *investigação formação*, bem como fortalecer o diálogo entre universidade e escola básica, a interlocução entre pares latino-americanos ocorre desde 2015, e vem cada vez mais se intensificando, tanto pelas facilidades que as diferentes plataformas digitais têm nos proporcionado quanto pela urgência em pensar uma educação que ultrapasse os muros da escola.

A Rede brasileira a qual fazemos parte, nasceu com o propósito de fortalecer a comunicação entre docentes latino-americanos, como também de potencializar os movimentos vividos por eles/elas nos provocando pensar acerca dos sentidos que vamos construindo em nossa formação, a partir dos atravessamentos com os muitos outros que nos formam. Conforme Paulo Freire (2020, p. 93) “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte. Não nasci professor ou marcado para sê-lo”. Compreendemos que a formação se dá ao longo de todo o percurso de atuação docente. Debruçar-se sobre questões que revelam olhares e perspectivas diversas, por meio das trocas de experiências e permeadas por diferentes narrativas, em múltiplas linguagens, é uma das ações investidas no coletivo.

Buscando problematizar e aprofundar reflexões sobre o fazer docente que se constitui

nesse processo socializamos nesse texto uma das muitas experiências de *vidaformação* compartilhada entre pares a partir do diálogo que se dá periodicamente nas redes de docentes latino-americanos.

A pesquisa que se ampara em uma perspectiva qualitativa tomando como metodologia a investigação narrativa (LIMA, GERALDI e GERALDI, 2015), traz para o diálogo a narrativa compartilhada por uma professora brasileira, integrante de uma rede docente. Entendendo que as narrativas das histórias de vida e das experiências pedagógicas constituem uma importante fonte documental sobre práticas docentes, investigar a partir das histórias de *vidaformação* de professores contribui para pôr em diálogo os saberes da experiência e o conhecimento científico.

A experiência narrada a seguir, por uma professora da educação básica da rede pública, em sua busca de construção de uma educação antirracista, confirma o potencial da narrativa da prática como um exercício do *pensarfazer* docente.

A professora da rede pública de Niterói relata que iniciou um diálogo sobre a identidade das crianças, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental, a partir de uma demanda do projeto da instituição. Para tal demanda a professora teve o cuidado de pensar propostas de leituras que trouxessem uma representatividade etnicorracial positiva para aquelas crianças que, em sua maioria, eram negras. Alguns livros com protagonistas negras e negros foram levados para as rodas de conversa, dentre os quais podemos destacar “A cor de Coraline” de Alexandre Rampazzo. Dentre as atividades realizadas nesse movimento estavam um gráfico com imagens de diversos tipos de cabelos, todos eles utilizando três cores: preta, castanha e loira. Nesse gráfico, as crianças eram convidadas a escolher a cor e o tipo de cabelo que mais se aproximavam com os delas. As crianças também foram convidadas a fazer autorretratos, sempre sendo questionadas sobre as cores de lápis ou giz de cera que eram os mais próximos do tom de suas peles. A última proposta era uma pesquisa em revistas sobre personalidades que pensavam corresponder a sua autoimagem fenotipicamente. Ao compartilhar essa narrativa em um dos encontros promovidos pelas redes e coletivos docentes brasileiro, a professora participante relata perceber na proposta do projeto duas questões que nos alertam sobre a importância de dialogarmos com as crianças desde muito cedo sobre suas características fenotípicas, principalmente com um viés antirracista e de representatividade positiva negra. Uma das constatações era a resistência que as crianças demonstravam para se identificar com as imagens de pessoas negras. Por vezes, a professora precisava interferir no sentido de questionar em que aspecto elas se pareciam com a primeira imagem escolhida, ao perceberem que não conseguiam se identificar com esta escolha, aí sim optavam pela imagem de uma pessoa negra. Outra constatação foi a necessidade das crianças se afirmarem brancas, mesmo quando seu referencial positivo é uma pessoa negra, como no diálogo abaixo: Ao ser questionada sobre a cor de sua pele, uma criança fala : “ - Tia, eu sou igual a você”, ao que a professora responde: “E eu sou de que cor?”, a criança imediatamente diz: “Você é loira!”. Diante da contestação da professora afirmando-se negra, a criança também se reconhece como uma criança negra. Eventos como esses nos alerta para as diferentes formas de

invisibilização e apagamento de referenciais negros para as crianças, além da estrutura racista experimentada por ela e tantas outras crianças cotidianamente.

A narrativa acima compartilhada nas rodas de conversa entre docentes ajuda-nos a perceber o movimento desenvolvido nas redes e coletivos docentes de potencializar o diálogo entre pares, da troca de experiências, bem como a escuta das professoras como uma forma de compreensão de narrativas do vivido, cujas histórias remetem a um processo de ressignificação de suas experiências, e também uma possibilidade de ressignificação das ações docentes, das práticas pedagógica e do cotidiano escolar.

A luta para fortalecer no ambiente escolar uma prática educativa antirracista não se dá somente no território brasileiro. Essa é uma questão presente na educação latino-americana que busca fortalecer movimentos decoloniais tanto na formação docente como nas práticas escolares. Tal movimento vem se fortalecendo na América Latina, pois, o “projeto decolonial aponta para uma dimensão da resistência e reexistência política que vai além dos processos de independências e descolonizações (...). Em outras palavras, o giro decolonial tem como horizonte político concluir o processo incompleto da descolonização, seja dos países latino-americanos, seja dos países africanos, asiáticos e caribenhos” (BERNARDINO-COSTA, 2018, p.123). Nesse sentido, concordamos com Anzaldúa que “para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais” (2000 p. 235).

Pensar as redes de docentes na América Latina nos provoca a compreender seu papel político e a importância de sua formação nos diversos países latino-americanos. Suas ações quanto espaços instituintes organizados por educadores/as, vem ampliando os diálogos e conversas entre professores/as e estudantes universitários sobre as experiências educativas e sobre projetos vividos nas escolas. Portanto, essa relação seja de forma virtual, remota e/ou presencial fortalece o coletivo a partir do diálogo e construção coletiva de aprendizagem possibilitando discussões de conhecimento e de reconhecimento.

Palavras-chave: Formação. educação básica. educação antirracista. Redes latino-americanas.

REFERÊNCIAS:

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis – SC, ano 8, n. 1, 229 – 236, jan. – jun., 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 20 jun 2020.

BERNARDINO-COSTA, J. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília – DF, v.33, n. 1, p. 119 – 137, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v33n1/0102-6992->

se-33-01-117.pdf. Acesso em: 05 mar 2021.

FREIRE, P. *Política e Educação*. Paz e Terra. p.93, 2020.

LIMA, M. E., GERALDI, C. M. e GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. In: *Educação em Revista*. |Belo Horizonte|v.31|n.01|p.17-44|janeiro-março 2015. Acesso em 15 de janeiro de 2018.